

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA REVISTA VISÃO MISSIONÁRIA: NOTAS INICIAIS DE UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Daiane Rodrigues de OLIVEIRA¹

RESUMO: Este trabalho discute aspectos da constituição histórica da revista *Visão Missionária* e da Igreja Batista. Para tanto, baseamo-nos nas noções de *semântica global* e *discursos constituintes* propostas por Maingueneau (2006, 2008). De acordo com esse autor, consideramos que a *semântica global* controla tanto os diferentes planos discursivos da revista quanto às regras institucionais da Igreja Batista.

Palavras-Chave: Análise discursiva; Discurso religioso; Semântica Global

ABSTRACT: This paper discusses aspects of the historical constitution of the magazine *Visão Missionária* and of the Baptist Church. In order to do this, we are based in the notions of *global semantic* and *constituent discourse* proposed by Maingueneau (2006, 2008). In accordance with this author, we consider that the global semantic controls as much the different levels of discourse of the magazine as the institution rules of the Baptist Church.

Key-words: Discourse Analysis; Religious Discourse; Global Semantic

1. Considerações Iniciais

Tendo em vista que estudos sobre revistas têm sido um lugar profícuo nos estudos da Análise do Discurso, na medida em que mostram que estas funcionam como suportes de materialidades significantes que permitem identificar discursos que circulam em nossa sociedade, buscamos, neste trabalho, a partir da noção de *Semântica Global* desenvolvida pelo Maingueneau (2008), analisar discursivamente a constituição histórica da Revista **Visão Missionária** e suas condições de funcionamento e circulação dentro da *União Feminina Missionária Batista do Brasil* (doravante UFMBB).

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado *Uma análise discursiva da revista Visão Missionária: o entrecruzamento entre o discurso religioso e a representação do feminino*, no qual, buscamos verificar de que forma essa publicação constitui-se como um lugar de circulação de discursos sobre o feminino.

Neste trabalho, partimos da hipótese de que a *Semântica global* do discurso, conforme proposta por Maingueneau (2008), rege tanto os diferentes planos discursivos em funcionamento na Revista **Visão Missionária** quanto o espaço institucional e organizacional da UFMBB e da igreja Batista, de uma forma geral. Desse modo, a análise da constituição histórica destas organizações é um lugar produtivo para o desenvolvimento deste estudo.

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CNPq. Orientador Prof. Dr. Sírio Possenti. E-mail: daiane.unicamp@gmail.com

2. A Semântica discursiva e os Discursos constituintes

Maingueneau (2008) define o discurso como “uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (p.15). Tais regularidades são gerenciadas pela existência de uma competência discursiva². Todo enunciador de um discurso dispõe de um sistema simples, porém, fortemente estruturado, o qual permite que ele seja capaz de reconhecer enunciados pertencentes a sua própria Formação Discursiva como também “capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa FD” (Ibidem, p. 54). Desse modo, a competência discursiva abriga os esquemas de processamento de sentido e as regras que lhe permitem filtrar as categorias pertinentes.

Segundo o autor, a competência discursiva é gerenciada pela existência de uma *Semântica global* do discurso, que é responsável por regular tanto os diferentes planos do discurso quanto os espaços institucionais onde este discurso circula. Sendo assim, para a descrição da semântica global de um discurso não se pode privilegiar um certo plano, mas todos os planos devem ser levados em conta, uma vez que estes integram, ao mesmo tempo, a significância. Dessa forma, a intertextualidade, os temas, o vocabulário, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis, o modo de enunciação e o modo de coesão devem ser levados em conta na análise. Os espaços institucionais também devem ser considerados na análise, uma vez que as regras institucionais, a disposição do espaço, as formas de hierarquia, enfim, todo funcionamento da instituição é regrado pela semântica discursiva.

Maingueneau (2006a, 2006b) ainda propõe que, entre os vários tipos de discursos, há um determinado grupo que tem um estatuto particular: *os discursos constituintes*. Segundo o autor, estes discursos enunciam sua constituição como autorizada no ato de sua enunciação, legitimam as práticas discursivas de uma sociedade, dão sentido aos atos de seus membros e funcionam como fonte de legitimação para outros discursos, visto que se descrevem como ancorados em algum Absoluto, que, apesar de se supor exterior a eles, é, paradoxalmente,

² Maingueneau (2008) propõe a existência de uma competência discursiva semelhante ao modelo da competência linguística de Chomsky, mas diferente desta, a discursiva não se funda na hipótese do inatismo, nem pode ser analisada como a gramática do discurso, pois não busca definir porque frases são gramaticais ou não, nem está ligada a uma língua específica, mas toma a língua como um sistema *a priori* que se impõe ao discurso. Enquanto a questão da aquisição da linguagem chomskiana relaciona-se à explicação da capacidade que os falantes têm de aprender uma língua diante de um número limitado de *performances*, a “aquisição” da competência discursiva relaciona-se à simplicidade do sistema de restrições do discurso e à possibilidade de dominá-lo.

construído por eles na enunciação. Para o pesquisador, o discurso religioso, assim como o filosófico, o científico e o literário, é um discurso constituinte.

A partir desses pressupostos, realizamos a seguir algumas considerações a respeito da constituição histórica da revista **Visão Missionária** e da UFMBB. Para tanto, realizamos, primeiramente, uma discussão sobre alguns aspectos da constituição histórica da igreja Batista.

3. Quem são os batistas?

“Um povo que vem de longe, com muitos nomes, *de muitas perseguições, de muitas lutas*, mas construindo uma bela história de fé, de doutrina e de princípios [...] o povo da Bíblia, a Palavra Infalível e Eterna de Deus”. Essa é a apresentação que os batistas fazem de si no *site* oficial da *Convenção Batista Brasileira* (CBB). Sobre o seu surgimento, eles afirmam que “saíram *diretamente* das páginas do Novo Testamento: dos lábios e ensinamentos de Jesus e dos apóstolos”, e “têm sua trajetória marcada pela oposição a toda *corrupção* da doutrina cristã claramente exposta no Novo Testamento”.

A respeito dos *discursos constituintes*, Maingueneau (2006a) explica que, nestes, cada posicionamento “pretende nascer de um retorno às coisas, de uma justa apreensão do Belo, da Verdade, etc. que os outros posicionamentos teriam desfigurado, esquecido, subvertido” (p.39). Dentro do campo religioso, cada posicionamento discursivo acredita ser o defensor da fé verdadeira deturpada pelos demais. Nesse sentido, na apresentação do *site* da CBB há uma posição de um discurso constituinte, que atribui o surgimento da Igreja Batista *diretamente* às páginas da Bíblia, caracterizada como *infalível* palavra de Deus. Sua fonte legitimante é, portanto, *diretamente* o próprio Deus. Ainda sobre a origem dos batistas, o missionário W. Taylor afirma que estes

sempre existiram naqueles que pela fé aceitaram o Salvador; pelo arrependimento e fé foram batizados em nome da Trindade; pela fé creram unicamente na autoridade das Escrituras Sagradas; pela fé anunciaram as Boas Novas (VM, 1T2004)³

Nessa formulação, há uma posição de que já havia batistas mesmo antes da fundação da Primeira Igreja Batista em 1612. Maingueneau (2006b) afirma que, por seu caráter *auto* e

³ Esclarecemos que doravante as citações retiradas da revista *Visão Missionária* serão apresentadas da seguinte maneira: a sigla VM representa o nome da revista, após a sigla aparece o trimestre de publicação acompanhado da letra T, e, posteriormente, o ano de publicação. Assim, nesta nota, VM 1T2004 representa revista *Visão Missionária*, primeiro trimestre de 2004.

heteroconstituente, um discurso constituinte torna-se paradoxal na medida em que o “Absoluto a partir do qual se autoriza é supostamente exterior ao discurso, para que possa lhe conferir sua autoridade, mas deve ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo” (p.35). O pesquisador postula que esses discursos são paratópicos, visto que têm um estatuto de pertencimento e não pertencimento ao universo social, sendo impossível incluí-los em uma ‘topia’. A esse respeito, esclarece que o enunciador de um discurso constituinte, na própria cena da enunciação, constrói a impossibilidade de sua posição na sociedade. O autor salienta que paratopia não se restringe apenas às personagens, mas opera igualmente através dos lugares. Dessa forma, propomos que a formulação de Taylor aponta de certa forma para um funcionamento paratópico em relação à origem da igreja Batista. Esta, apesar de poder ser descrita no espaço e no tempo (Inglaterra, 1612), é apresentada por Taylor como sempre existente, antes mesmo de sua organização, retomando a descrição presente no *site*: *o povo da Bíblia*, que saiu “*diretamente das páginas do Novo Testamento: dos lábios e ensinamentos de Jesus e dos apóstolos*”, o advérbio *diretamente* dá um efeito paratópico à formulação, fazendo com que, em certa medida, ela retome a narração da criação no discurso cristão: assim como Deus teria criado o mundo pela palavra, os batistas também saíram *diretamente* dos lábios de Cristo (Deus na terra). Há uma paratopia de lugar de origem, que tem um funcionamento específico de legitimação do discurso, que carrega um efeito de primeiro, genuíno, portanto, verdadeiro e incontestável.

Apresentando-se como o povo legitimamente escolhido, os batistas atribuem a si a função de defender a Verdade que os outros posicionamentos teriam *desfigurado, esquecido, subvertido, “corrompido”*. Desse modo, é sua função, portanto, lutar contra a corrupção da verdade. Maingueneau (2008) propõe que um discurso sempre surge no interdiscurso com Outro, assim vemos que essa formulação marca uma posição dos batistas como aqueles que se impõem contra a *corrupção* da doutrina bíblica. Aqui o Outro não é apenas a igreja Anglicana no século XVI⁴, como também todos os outros discursos religiosos cristãos que teriam corrompido as doutrinas cristãs.

Desse modo, considerando-se como os *diretamente* constituídos, os batistas atribuem a si a responsabilidade de *evangelizar o mundo*, como encontramos no site da CBB: “a missão

⁴ No final do século XVI, surgem na Inglaterra, dentro da igreja Anglicana, grupos insatisfeitos com a doutrina da igreja. Os chamados separatistas buscavam a total separação da igreja e o estado. Tais grupos são vistos como hereges, passam a ser perseguidos e fogem para outros países. Entre estes grupos, está o de John Smith que vai para Holanda. John Smith, conhecedor de línguas antigas, afirma que a igreja Anglicana e a Católica não seguem o modelo de batismo bíblico – imersão e não aspersão. Nesse sentido, em 1609, funda uma nova igreja e rebatiza todos os membros e inclusive a si mesmo. Entre os membros da nova igreja está o advogado Tomás Helms, o qual volta para Inglaterra, em 1612, e organiza a Primeira igreja Batista.

primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus”. A missão evangelizadora do mundo constitui-se como o lugar fundamental dentro do discurso batista. Por consequência desta “missão”, em 1882, foi organizada a Primeira Igreja Batista no Brasil, pelos casais de missionários batistas norte-americanos, Willian Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby e Zacharias Taylor e sua esposa Crawford Taylor, juntamente com ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, na cidade de Salvador, Bahia. Em 1907, havia 83 igrejas batistas organizadas no Brasil, com um total de aproximadamente 4.200 membros. Nesse mesmo ano, foi organizada a *Convenção Batista Brasileira*, órgão máximo da denominação, que tem como finalidade de integrar as igrejas, definindo o padrão doutrinário dos batistas no Brasil.

Maingueneau (2006b) propõe que “todo estudo que se pergunta sobre o modo de emergência, circulação e consumo de discursos constituintes deve dar conta do modo de funcionamento dos grupos que produzem e gerem” (p.69). Nesse sentido, entendemos que é relevante considerar, neste trabalho, como os batistas concebem a educação como forma de alcançar a *evangelização mundial*, empenhando-se em formar missionários, através de um forte investimento na educação religiosa de seus membros. Segundo o site da CBB,

a educação é uma marca visível do povo batista. Sua paixão pelo estudo da Bíblia desenvolveu o interesse pela educação religiosa, cultivada nas igrejas através das organizações de treinamento e da EBD. Os templos se tornaram verdadeiros complexos educacionais.

Assim, atendendo à imbricação entre discurso e instituição, na igreja Batista, os templos funcionam como um lugar de ensino, onde se (re)afirma a legitimidade e a necessidade da missão de *evangelizar o mundo*. A própria arquitetura das igrejas obedece a essa regra, além do templo, as igrejas Batistas possuem salas de aulas, nas quais funcionam a *Escola Bíblica Dominical* (EBD) e as reuniões das uniões e sociedades missionárias. Há todo um material didático que atende às diferentes faixas etárias (crianças, juniores, adolescentes, jovens e adultos). A EBD funciona geralmente pela manhã, com o estudo de revistas, que têm como currículo o estudo completo da Bíblia, em um período de sete anos. Além da EBD, a igreja é subdividida em diferentes departamentos, organizações e grupos de trabalhos, dos quais, os principais são as *Juntas de Missões Mundiais, Nacionais e Estaduais*, a *União de Homens Batistas do Brasil* e a *União Feminina Missionária Batista do Brasil*. O primeiro *Seminário Batista* no Brasil foi fundado em 1902, em Recife, e, em 1908, foi fundado outro na cidade do Rio de Janeiro. Toda essa rede institucional funciona como lugar onde discursos são não só produzidos, mas, principalmente, geridos.

A respeito da relação entre instituição e discurso, Maingueneau (2008) salienta:

essas reflexões sobre a relação entre semântica do discurso e instituição nos conduzem, pois, a tomar distância em relação à idéia segundo a qual ela seria um simples ‘suporte’ para as enunciações que seriam fundamentalmente exteriores a ela. Ao contrário, parece muito claro que essas enunciações são tomadas pela mesma dinâmica semântica pela qual a instituição é tomada (p.128).

Nesse sentido, há um laço semântico crucial entre o discurso cristão-batista e o funcionamento das instituições da igreja Batista. O discurso sobre a necessidade da educação não apenas sustenta as divisões hierárquicas e organizacionais dentro da instituição, como a própria disposição do espaço físico atende a esse modelo semântico. Tendo em vista essa imbricação entre discurso e instituição, Maingueneau (2008) propõe que se desloque então a noção de discurso para a de *prática discursiva*. A esse respeito, o autor explica:

no início, nós o concebemos [o discurso] como permanecendo na órbita da estrita textualidade. Agora, somos deslocados em direção a seu ‘ambiente’, para fazer aparecer uma imbricação semântica irreduzível entre aspectos textuais e não-textuais” (Ibidem, p.136).

Desse modo, dentro do discurso cristão-batista, há toda uma *prática discursiva* voltada para a educação cristã, tendo como objetivo último a evangelização mundial.

4. Sobre a União Feminina Missionária Batista do Brasil

Desde o início da igreja Batista no Brasil, as mulheres desta denominação têm se reunido para realizar atividades como orações, estudos bíblicos e trabalhos sociais, formando assim as primeiras Sociedades Femininas Batistas. Em 1908, foi organizada a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil, no sentido de criar uma estrutura nacional das organizações. A partir de 1963, a União passou a se chamar **União Feminina Missionária Batista do Brasil**. Segundo Elza Andrade, editora da revista **Visão Missionária**, esse nome condiz com o ideal da organização: “Feminina porque não é só para as senhoras, mas abrange todo o elemento feminino” e “Missionária, porque a sua razão de ser é Missões” (VM, 2T1998). Assim, se o posicionamento missionário é defendido pelos batistas, ele é reafirmado dentro da UFMBB. A organização concebe que sua missão é “viabilizar a educação missionária de crianças, meninas, adolescentes, jovens e mulheres, a fim de que se comprometam com a expansão do reino de Deus”.

Para tanto, dentro da instituição, o *elemento feminino* é dividido em quatro grupos específicos de trabalhos. Cada grupo tem uma revista específica: as crianças são os *Amigos de Missões* com a revista **Sorriso**; as meninas e adolescentes até os 16 anos de idade são as *Mensageiras do Rei* e contam com as revistas **Aventura Missionária e Você Adolescente**; as *Jovens Cristãs em Ação* têm a revista **Desafio Missionário**; e, por fim, as senhoras formam o grupo *Mulheres Cristãs em Ação* (MCA) e utilizam a revista **Visão Missionária**.

Sobre a organização da UFMBB, a secretária da revista **Visão Missionária** afirma:

O progresso que verificamos hoje é fruto do amor e *dedicação* de irmãs que, em todo o Brasil, *têm empregado muito do seu tempo e esforço nesta causa. Tudo isso foi possível graças à mão poderosa de Deus sobre a UFMBB, A Ele , pois, todo honra e toda glória! Amém.* (VM, 2T1988, grifos nossos)

Nessa formulação, a necessidade de preparo no trabalho é vista como uma das especificações daquelas que trabalham na UFMBB: elas são dedicadas, empregam muito tempo e esforço. O mérito final da constituição e consolidação da organização, entretanto, é atribuído a Deus. Desse modo, o mesmo posicionamento sobre a origem dos batistas no que diz respeito à supremacia divina é reafirmado no que diz respeito à UFMBB.

5. Sobre a revista **Visão Missionária**

A primeira revista da organização foi publicada em 1922, sob o título de *Revista para o trabalho de Senhoras*. Segundo Elza Andrade, tal revista se propunha a atender à falta de uma literatura que contivesse programas para as reuniões mensais das sociedades femininas, com artigos sobre assuntos religiosos e referentes à vida da mulher no lar. Desde então, essa organização mantém uma editora que publica uma variedade de livros e revistas ligados à Igreja Batista. Entre outros periódicos, está a revista **Visão Missionária**, que é publicada trimestralmente e dirigida ao público feminino adulto. Essa revista tem como objetivo divulgar os ideais religiosos às mulheres dessa denominação, mas, além do tema da religião, aborda também questões como beleza, saúde, cuidados com a família, consideradas em geral tipicamente femininas. As mulheres ligadas à MCA se reúnem em suas igrejas locais semanalmente ou mensalmente e realizam o estudo da revista **Visão Missionária**.

Os exemplares da revista são organizados em diferentes seções, há em todas as edições: o editorial, atualmente assinado por Elza Andrade, coordenadora Nacional da MCA; a seção de cartas de leitoras, que apresenta além das cartas, fotos das sociedades femininas espalhadas no Brasil; a seção intitulada *Gente Nossa*, que traz biografias de mulheres que

tenham sido importante na história da UFMBB; a seção programas especiais com sugestões de peças, jograis e poesias para a comemoração das mais variadas datas e festividades; a seção de estudos mensais, que devem ser realizados durante as reuniões das mulheres na igreja. Além destas, a revista tem também seções que tratam de beleza, saúde, culinária e atualidade. Na seção atualidade, são tratados diversos temas como, por exemplo, *Reencarnação e comunicação com os mortos* (1T1995), *Brasil, 500 anos* (2T2000), *Fidelidade conjugal em tempos de AIDS* (4T2000), *Clonagem humana* (1T2003).

Conforme já foi dito, Maingueneau (2008) considera que a *semântica global* de um discurso regula os diferentes níveis discursivos e institucionais, nesse sentido, o mesmo posicionamento de Deus como a fonte dos discursos é encontrado também na descrição que a redatora de **Visão Missionária** faz da revista:

Sua revista Visão Missionária chega, mais uma vez, até suas mãos com o firme propósito de informar, de edificar, e de glorificar a Deus. Aproveite *tudo aquilo que o Senhor ordenou que fosse impresso* em mais este exemplar; para sua edificação, rumo à maturidade cristã. (VM, 3T1997, grifo nosso)

Desse modo, para a redação da revista, é o próprio Deus que *ordena* o que deve ser ou não impresso na revista, como a igreja surge pelas suas palavras, a UFMBB pela sua mão, o conteúdo da revista é descrito como ordenado por Deus. Neste discurso, é atribuído aos enunciadores o papel de instrumento por meio do qual Deus fala. A esse respeito, Maingueneau (2008) descreve um posicionamento semelhante no discurso jansenista sobre o papel do enunciador: “esse enunciador visa tornar seus destinatários /Idênticos/ a Deus e se apaga a si mesmo diante desse Enunciador único, único com legitimidade para dizer eu” (p.88).

Não só o estatuto do enunciador é diferenciado, uma vez que este é visto como um instrumento de Deus, o verdadeiro enunciador, como esse caráter também é reconhecido pelas leitoras, como podemos ver, por exemplo, em uma carta enviada à **Visão Missionária**:

Eu me alegro porque sei que Deus me ama e põe no meu caminho coisas tão boas, como as pessoas que escrevem esta revista, *pessoas consagradas que recebem a Visão de Deus*. (VM, 2T1998, grifo nosso)

Na carta, a leitora realiza um jogo de linguagem com a palavra “Visão”, tanto no sentido de “Visão” como o nome da revista **Visão Missionária**, como de “Visão” enquanto uma inspiração divina – a vontade de Deus. A leitora mostra que reconhece o caráter

instrumental daqueles que escrevem na revista, porém, esse é um instrumental *consagrado*. O uso desse adjetivo aponta para uma preparação, não é apenas uma inspiração, mas se exige desse “instrumento” uma consagração – uma preparação, posição que retoma a importância que os batistas dão à educação. Eles atribuem a Deus a honra pelo trabalho, mas não negam a importância da preparação daqueles que escrevem.

6. Considerações finais

Nessas análises, podemos verificar, portanto, que a *semântica global* do discurso cristão-batista regula as instâncias discursivas da revista **Visão Missionária** como também as institucionais. Podemos afirmar também que missões é um tema *específico* central no discurso cristão-batista. Maingueneau (2008) explica que “os temas mais importantes são aqueles que recaem diretamente sobre as articulações essenciais do modelo semântico” (p.81). Cabe explicitar que a missão de converter o mundo a sua fé é um tema comum ao discurso religioso, cada posicionamento atribui-se a vocação de salvar a alma do Outro. No discurso cristão, esse tem sido um tema recorrente, mesmo que por vezes seja apenas uma justificativa para conquista de terras, como as Cruzadas ou a catequese dos índios no Brasil colônia⁵. No entanto, neste trabalho, não buscamos realizar uma análise do caráter das missões, mas mostrar como esse tema sustenta o posicionamento batista e as suas instituições.

Nesse sentido, na revista **Visão Missionária**, na UFMBB, assim como na igreja Batista, o tema *missão de evangelizar o mundo* não é apenas recorrente, como também sustenta a necessidade de existência destas. Sustentada por essa posição, a igreja Batista existe porque se diz combater a *corrupção* da Verdade bíblica, a UFMBB, para educar todo o elemento feminino no sentido de ser missionário, e a revista, como publicação para ensinar a necessidade de missões. Esses três lugares reconhecem-se como legítimos, sustentados por um discurso constituinte que atribui a si a missão de converter o mundo.

Quanto ao estatuto de seus enunciadores, estes são descritos e reconhecidos como instrumentos de Deus, a fonte legitimante do discurso. No entanto, apesar de instrumentos, devem ser devidamente preparados para isso.

⁵ Sobre a catequese indígena, Orlandi (2008), no livro **Terra à vista**, afirma que “como objeto da disputa está a *terra*, disputa representada nessa guerra sob a forma da colonização (o Estado) e a catequese (a igreja). O conceito básico para se observar isso é a *conversão*” (p.141-142).

7. Referências bibliográficas

MAINGUENEAU, D.(autor). POSSENTI, S.; SILVA, M. C. P. S. (org.). **Cenas da enunciação**. São Paulo: Criar, 2006a. 181p.

_____. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006b. 329p.

_____. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008. 184p.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. 286p.